

DESIGUALDADES NO MERCADO DE TRABALHO E PANDEMIA DA COVID-19**Joana Simões Costa**Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. *E-mail*: <joana.costa@ipea.gov.br>.**Ana Luiza Neves de Holanda Barbosa**Técnica de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea; e professora do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC) do Rio de Janeiro. *E-mail*: <ana.barbosa@ipea.gov.br>.**Marcos Hecksher**Assessor especializado na Disoc/Ipea. *E-mail*: <marcos.hecksher@ipea.gov.br>.DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2684>

O distanciamento social, adotado por diversos países por ser necessário para reduzir a transmissão do coronavírus e controlar o número de mortos pela pandemia da Covid-19 afetou severamente o mercado de trabalho. Estudos em diversos países têm discutido como tal crise evidenciou ainda mais as desigualdades já existentes.

Neste estudo, investigamos três dimensões relevantes para a desigualdade brasileira: gênero, raça/cor e idade. A partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o período 2012-2020, inicialmente é apresentada a evolução dos seguintes indicadores do mercado de trabalho: taxa de participação, de desemprego, de ocupação e de proporção sem carteira assinada entre os empregados. Através da análise dessas estatísticas, é possível caracterizar os diferenciais por sexo, raça/cor e idade e analisar seu comportamento durante a crise de 2020.

Diferentemente da crise anterior marcada pela elevação do desemprego entre 2015 e 2017, a crise devido à pandemia se caracteriza pelo aumento da inatividade, que provocou uma forte queda na taxa de participação e de ocupação. As desigualdades observadas não se reduzem durante a crise – para alguns indicadores, observa-se até mesmo a ampliação do diferencial, como é o caso da taxa de ocupação por raça/cor e idade. Como as mulheres já apresentavam grande desvantagem nos indicadores de participação do mercado de trabalho, sua situação ficou ainda mais exposta e a proporção de ocupadas entre o total de mulheres chegou a um patamar pouco abaixo de 40%.

A diferença em relação aos homens equivale a pouco menos de 20 pontos percentuais (p.p.).

Também foram analisados indicadores de transição entre diferentes *status* laborais. Mais especificamente, foram analisadas as flutuações de saída e entrada para a condição de ocupado entre o primeiro e o segundo trimestre de cada ano. Em 2020, a pandemia se refletiu em um intenso aumento nas chances de sair da condição de ocupado para inatividade e redução das chances de conseguir um emprego. Importante notar que mesmo ao se controlar por outras características pessoais (escolaridade) ou do posto de trabalho (setor de atividade, posição na ocupação etc.), as mulheres, os negros e os jovens possuem maiores chances de perder a ocupação. No entanto, essa desvantagem não é uma característica somente da crise de 2020.